

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.726

Sexta-feira, 11 de Julho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia
Calçada de Cobre, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-8

Officinas de Impressão—144-A, Alameda, 111 e 113

Todos os leitores de A BATALHA
devem contribuir com 1 ESCUDO para
que ela suprima as deficiências que im-
pedem a sua expansão e um melhor
aspecto gráfico

O governo está disposto a manter um regime de violências?

As autoridades que se celebrizaram em atroz perseguições serão mantidas nos seus postos? Os presos da Trafaria continuarão a sofrer um injusto e prolongado cativeiro? Continuar-se há prendendo operários sem uma acusação concreta? e encarcerando-os em locais ignorados de suas famílias por tempo indeterminado?

Estas perguntas formula-as a consciência colectiva do operariado indignada contra uma política que lhe rouba o pão e a liberdade!

A política continua sendo uma vergonha. O actual governo é um verbo de encher que ocupará o Terreiro do Paço enquanto as conveniências democráticas não entenderem desalojá-lo. É um governo a prazo, que tem de morrer na data que já de antemão ficou marcada politicamente, e é mais um lance da batota politica. Tirante um ou outro centro democrático composto por agentes de segurança do Estado e alguns malandrins que são funcionários do Estado, com ordenado, certo e sem obrigação de trabalho, não tem a opinião favorável de ninguém, nem mesmo a da maioria dos ex-monárquicos, reaccionários por instinto, por misoneísmo e por convecção, que predominou no primeiro partido da república.

Um governo assim, que nasce morto, o que pode fazer de bom?

Nada. Mas, o que ele pode fazer de mau, é incalculável. As forças vivas continuarão a ser quem tudo manda no Terreiro do Paço.

Os governos transformaram-se em agências de favores. O orçamento do Estado está nas mãos das forças vivas. São elas quem manda não dar aumentos aos funcionários públicos, e fazer concessões de empréstimos a empresas financeiras cuja existência se justifica apenas na voracidade dum bando de tubarões que pretende viver na pândega, no luxo desenfreado e na crápula.

A política seguida no que se refere aos trabalhadores, continuará a ser a mesma: espancar operários, prender operários, fusilar operários.

Para o operariado conservar ilusões nestes cavalheiros de indústria, seria necessário que a Moagem lhos não encarecesse o pão; que os senhorios não lhes

aumentasse as rendas das casas; que se não continuasse a fazer em torno dos géneros de primeira necessidade a mesma escandalosa especulação iniciada nos primeiros anos da conflagração mundial; que não continuassem as prisões de operários e que se não mantivessem as que têm sido feitas injustamente.

Ora é exactamente o contrário do que tem acontecido.

Ainda se encontra dirigindo a polícia o sr. Ferreira do Amaral. Por ele ser um republicano dos tais que são ou passam por históricos? Por pertencer ao número dos monárquicos convictos que aderiram ao partido democrático para governar a vidinha?

Nada disso. O sr. Ferreira do Amaral nunca fez em público uma profissão de fé republicana, o que prova que para se ser autoridade na república, não é preciso ser-se tartufo, fingir o que se não sente. Ele é fascista — e um fascista declarado. Por um triz este herói de três assobios, não dirigia uma revista fascista, para a qual ainda chegou a comprar uma tipografia.

O crime dos Olivais pesa-lhe sobre os ombros. Esse crime odioso foi praticado por subordinados seus que ele não castigou, nem censurou, antes aplaudiu. E ninguém ainda lhe pediu contas da sua responsabilidade pela conduta de polícias que saíram do governo civil para os Olivais, em obediência a uma ordem sua. Ainda se não investiga sequer, ao certo, até onde foi a sua interferência nesse fusilamento covarde, desumano e bárbaro.

Que o sr. Sá Cardoso o não fez, nem o faria, sabemos nós. E' que o sr. Sá Cardoso, o herói que em 5 de Outubro meteu os soldados na Rotunda e fugiu sur-

rateiramente, sem que ninguém o visse, não se atreva a dar uma ordem ao comissário geral da polícia. Este é que lhe dava ordens a ele. O sr. Sá Cardoso obedeceu-lhe porque lhe tinha medo. Sim, leitores! Tinha-lhe medo. Um medo atroz, profundo — um medo fisiológico!

Porisso o «herói» da polícia fazia o que queria e a polícia às suas ordens prendia, espancava, perseguia, fusilava livremente. Assim se tornou o Ferreira do Amaral numa entidade poderosa, inatacável, com poderes descrençáveis. Fez-se o Pina Manique da República, mas um Pina Manique grotesco e mau. Um homem que não pode ver um instante de sossego nas ruas e nos espinhos. Um odioso agente provocador, um fomentador desvairado de desordens. Provocar conflitos foi a sua tática, para demonstrar depois diante da lógica, indignação dos provocados, que nenhum escrúpulo tinha, em mandar a polícia sob as suas ordens, transformar vivos em mortos, pessoas que protestam em pessoas que morrem.

Todos os crimes praticados pela polícia foram considerados como acções nobres e dignas de louvor. O sr. Ferreira do Amaral chegou ao cúmulo de promover agentes e dar-lhe toda a espécie de gratificações e honrarias, desde que tivessem as mãos tintas de sangue.

O novo ministro do interior, também receia o sr. Ferreira do Amaral? Ou concorda com os seus actos? Qualquer destas duas hipóteses não deve confirmar-se para segurança de todos aqueles que não sendo da polícia não pertencem às forças vivas.

Os operários que se encontram presos no presídio da Trafaria, não serão postos em liberdade por este governo? Será uma monstruosidade que ele deixe prolon-

gar um encarceramento tão iníquo e tão penoso. A ilegalidade que resalta das prisões daqueles operários é flagrante. Eles são vítimas do cinismo revoltante daqueles que entenderam que o operário tudo deve sofrer, talvez porque tudo produz e nada possui.

E' impossível neste momento conseguir, por qualquer modo justificar o cativeiro de operários presos a esmo, sem que, ao menos, se desse uma justificação. Que eles estão inocentes ninguém o pode pôr em dúvida.

Ao governo só um caminho resta — pô-los em liberdade. E as grades da Trafaria não podem por mais tempo guardar as vítimas duma tirania estúpida.

Não pode o operariado estar por mais tempo a mercê do arbitrio, a ser vítima dum sidonismo velhaco, disfarçado e grotesco.

As autoridades continuam procedendo como se ainda estivessem no poder a tropa ministerial do sr. Alvaro de Castro. Prosseguem praticando as mesmas iniquidades.

Ontem, de madrugada, o que é contrário à lei que preceitua a inviolabilidade do domicílio, foi a casa dum operário, invadida por um bando desenfreado de polícias que o levaram preso. Que crime praticou esse operário? Eis o que ainda as autoridades se não se dignaram dizer. Em que esquadra se encontra ele preso? Eis o que a onipotente e toda poderosa autoridade ainda se não resolveu explicar.

Não se pode continuar a viver sob este regime de violências porque a paciência a mais obstinada tem limites e as classes operárias estão cansadas de ver cometer, contra seus irmãos em trabalho em sofrimento, os maiores erros e os maiores crimes.

O açúcar contém impurezas que envenenam quem o consome

A classe dos refinadores de açúcar não quer ser cúmplice das transacções dos industriais

As inúmeras doenças que atacam consecutivamente a humanidade são quasi sempre provenientes da ganância dos detentores das riquezas que os trabalhadores produzem.

Não é sem os produtores dos artigos e géneros mais indispensáveis à existência que os seus irmãos de sofrimento, nesta luta constante pela vida, sejam envenenados por sua culpa; e assim procuram demonstrar não ser da sua responsabilidade as doenças que dia a dia se verificam.

As circunstâncias da vida, a necessidade de ganhar um parco salário para não deixar morrer à míngua de tudo aquilo que lhes são caros, obrigam muitas vezes os trabalhadores a sujeitarem-se às exigências dos patrões, pois do contrário vêm na contingência de não ter onde empregar a sua actividade por que esses patrões fazem o possível para que os operários conscientes não tenham onde trabalhar em consequência de não servirem os seus criminosos intentos.

Os operários refinadores de açúcar, reconhecendo que ao produzir aquele indispensável alimento contribuem bastante para o envenenamento do público, não por sua culpa, mas por culpa dos industriais gananciosos e sem escrúpulos que os obrigam a manipular um produto com todas as impurezas, e se assim não procederem vêm-se na situação de não terem trabalho porque este lhes é negado, — de há muito que vêm reclamando junto das entidades competentes para que haja uma fiscalização de maneira a não continuar este estado de coisas.

É digno de elogio a atitude dos operários refinadores de açúcar que procuram salvar o público do constante envenenamento a que está sujeito. E fazendo-o estão na contingência de ser

apontados como criminosos pelos industriais envenenadores.

Para melhor nos elucidarmos sobre o assunto e consequentemente elucidarmos os nossos leitores, conversamos alguns momentos com um camarada refinador de açúcar.

—A maneira como somos obrigados a manipular o açúcar — diz-nos o camarada citado — repugna-nos porque de certo modo contribui para o agravamento da saúde pública.

—Como? — fizemos.

—E' proibido triturar o açúcar, sendo só isso permitido a açúcares cristalizados que hoje já não existem no mercado. No entanto os industriais não se incomodam e mandam triturar todo o açúcar que contém grande quantidade de impurezas.

—Expliquem-nos — estábimos.

—Se o açúcar for tritado como manda a lei, em 1.000 quilos, ficam uns 60 quilos de impurezas que devem inutilizar-se. Porém esses 60 quilos vão para a venda e quem perde com isso é o público que se envenena sem saber.

E proseguindo:

—Há mais ainda. A todo o açúcar se adiciona sangue de boi, e este deve ser fresco. No entanto o sangue costuma permanecer nas fabricas aos 8 e 15 dias e quando se utiliza já está deteriorado, tendo um cheiro insuportável.

O nosso interlocutor faz uma pausa e continua:

—Para o fabrico do açúcar também é autorizado o emprego de ácido sulfúrico em pequenas quantidades. No entanto os industriais obrigam a empregá-lo em quantidades elevadas o que não só prejudica os operários que têm de trabalhar com o açúcar como também prejudica quem o consome.

E continua a elucidar-nos:

—O açúcar conhecido por mascavado,

PONTAS DE FOGO

Da terra erma, ao império.
Sobre um grido do estertor...
E o Povo que, em delírio,
Desliza o riso e a dor
Imerso no seu martírio...
E-lo, há séculos chorando,
P'los exilios da Ventura,
Exangue e como que olhando,
Nos dramas da sepultura,
A vida que vai passando...
E, nessa dor de agonia
Tornado autómato errante
Da perversa burguesia,
Com seu trabalho esgotante,
Do luto o fausto, noite e dia.
E os puros astros lá vão
No giro magnífico,
Alheios da paixão,
Tal qual esfuziante luzente
Dispersa pela amplitude...
E eu, que em mim sinto ecom
A dor da humanidade,
Tenho a ansia singular
De, na eterna insondável
Ir, ao astro em astro, habitar!...

BENVINDO BENEDY

A tomada da Bastilha

O Partido Radical, realiza na segunda-feira, pelas 18 horas, um comício público no Parque Eduardo VII para comemoração da tomada da Bastilha, e apreciação da política geral do país.

do, é o mais cheio de impurezas, pois não permitem que haja o devido cuidado com ele. Este açúcar por si só não refina, sendo preciso juntar-lhe uma quantidade de açúcar melhor para refinar, no entanto fica sempre mau, e às vezes é necessário adicionar-lhe grandes quantidades de cal para o obrigar a ficar em condições aparentemente boas.

A terminação:

—A rama, que contém muitas impurezas, é deixada sobre os tachos sem ser filtrada e assim o açúcar tem de esfumar e, portanto, prejudicial para a saúde do público. A classe dos refinadores de açúcar tem reclamado constantemente no sentido de acabar com tais anomalias, mas ninguém se incomoda, as entidades competentes dormem sobre o caso, fica tudo como dantes e os operários que têm a coragem de trazer essas verdades ao conhecimento do público, defendendo a sua saúde, ficam sujeitos a ser perseguidos pelos industriais a quem convém este estado de coisas porque auferem lucros proveitosos embora perigoso a saúde de milhares de seres.

A agonia duma ditadura

Uma amnistia para salvar os responsáveis do desastre de Melilla

A Ditadura de Primo de Rivera entrou em seu período crítico. Era fatal! — Primo de Rivera subiu ao poder para salvar os responsáveis pelo desastre de Melilla que custou a vida a 14.000 espanhóis, as figuras que tomaram parte no golpe de estado de 13 de Setembro estavam todos comprometidos na horrível hecatombe. Eram elas:

Federico Berenguer, irmão do principal responsável pelo desastre, Cavalcanti, processado também pelo desastre, Sanjurjo, chefe de uma das brigadas em operações em Marrocos, e como o movimento tinha em mira uma cruel repressão contra os elementos proletários, era indispensável a cooperação do feroz Martínez Anido, e do não menos cruel Arlegui. Alfonso XIII, principal responsável pelo desastre apoiou o golpe de estado: o trono ameaçava ruína e as espadas seriam talvez o ponto de apoio que poderia salvar-lo.

Estes homens funestos a pretexto de salvar a Espanha da ruína, puzeram em prática procedimentos que excederam as barbaridades de Felipe II e Fernando VII.

Decretaram o estado de guerra e a supressão das garantias constitucionais, suprimiram o Parlamento, fecharam os Ateneus, estabelecendo a censura para a imprensa, destruíram o Unamuno e Soriano, fecharam violentamente os Sindicatos operários, enviando aos calabouços de Monjuich, 650 trabalhadores, e para que a sua obra fosse completa, o patíbulo foi levantado 8 vezes!

Aguilera, presidente do Supremo de Guerra e Marinha, apoiado por uma parte do exército por sobre o tapete a questão das responsabilidades, queria a punição dos culpáveis, e o Directório que queria salvar os custasse o que custasse, fez o demitir de seu posto.

O General Weiler passa a ocupar a Presidência do Supremo, disposto a salvar Berenguer e os responsáveis, os 14.000 vidas imoladas em Africa importavam pouco ao homem que em Cuba arranjou 200.000 espanhóis, saqueou aldeias e cidades, ordenando o massacre de mulheres, velhos, e crianças.

Manuel PEREZ

AMABILIDADES POLICIAIS

Continua preso um jovem, a pesar-de nada haver contra ele
A polícia é contrária a violências...

PORTO, 10. — Sobre o triste caso ocorrido em Vila Nova de Gaia apenas há a acrescentar isto: que Francisco de Sousa, da direcção do Sindicato Metalúrgico, fora restituído à liberdade, porque nada tinha, nem podia ter, com o acontecimento meramente individual. Isto, se houvesse mais inteligência e menos esperteza, poderia logo ter sido visto.

Está reconfirmada, não só a sua culpabilidade na scena de tiros (pois se ele estava a dormir), mas ainda a não conveniência (pois se isto foi uma farça de trágicas consequências), directa ou indirectamente, do comunista-libertário José Castela com o horrível quadro dos Olivais.

O chefe Alberto, da polícia de Gaia, bem como os próprios agentes, ouvem-no com interesse, vendo nele mais uma vítima do que um criminoso; escuta com atenção as declarações do jovem sindicalista, as quais firmemente mantem as suas ideias lib-rtárias, embora detestando todas as violências; esta crente de que ele está no norte há 4 meses; mostra-se, até certo modo, comovido com uma carta, junta ao processo e que mostrou ao jornalista, enviada pela mãe do Castela, na qual pede a este «que tenha pena dela e de si mesmo».

Mas, apesar de tudo aquilo e de tudo isto, o chefe Alberto não o põe em liberdade, quer entregá-lo à polícia da capital, visto que ele «aguarda comunicações de Lisboa para resolver o destino do sindicalista Castela, estando já crente de que ele nada teve com o caso dos Olivais, nem tampouco com a scena da Avenida da República...»

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

Que se passará?

As conferências entre Primo e o rei sucedem-se, e as últimas notícias indicam que é muito grave a situação, o exército está de prevenção, e a polícia vigia atentamente os elementos avançados.

O rei assinou uma amnistia para salvar Berenguer; e um vapor parte de Barcelona conduzindo para os fortes de Mahon, 150 prisioneiros!

O trono de Alfonso XIII, estremece.

Se em Itália a morte de Matteotti foi o grito de alarme que levanta a consciência popular contra a tirania fascista, Marrocos será o toque de clarim que despertará a Espanha adormecida.

UM APELO DA 'BATALHA' AOS SEUS LEITORES

A Batalha, para continuar a sua dozeza enérgica dos interesses dos consumidores, para poder manter o seu ardoroso combate contra todas as violências, precisa de se expandir, eliminando para isso todas as deficiências que embaracem a sua acção.

E, a Batalha, encontra-se positivamente instalada! A sua redacção, não tem as condições necessárias, desde as do espaço às da higiene. O mesmo acontece com a sua tipografia. A sua administração tem umas instalações do tal modo insuficientes que não já se não pode fazer o movimento administrativo do jornal e o alargamento da sua secção de livreria e a expansão da sua secção editorial que tem importante papel tem de desempenhar na cultura operária, publicando edições populares de obras instrutivas e revolucionárias.

O tipo com que se imprime o jornal é velho e gasto. Tem de ser urgentemente renovado. Além disso, torna-se necessário adquirir mais letra para que se possa modernizar o aspecto gráfico do jornal, a fim de o tornar o mais atraente possível. Nenhum artigo, por melhor que ele seja, nenhum acontecimento, não é mais e considerável e

importante, podem ressaltar, imporem-se aos olhos dos leitores, desde que sejam compostos num tipo de letra que os torne desagradáveis à leitura e quasi ilegíveis.

A Batalha é o que os seus leitores pretendem que ela seja. E eles não desejam que a voz que exprime os seus sentimentos, os seus pensamentos e os seus interesses, não seja estrangulada por dificuldades que não podem persistir, e tem forçosamente de se remover.

Um pequeno sacrificio pecuniário que os leitores de A Batalha fizessem, derrubaria todos os impediços do único órgão que neste país não vendeu a consciência às «forças vivas» nem alugou o seu critério de justiça a nenhum despota ministerial.

Bastaria que cada leitor contribuisse com uma quantia mínima, relativamente insignificante para que as remodelações de que a «Batalha» urgentemente carece se fizessem.

Se todos os leitores contribuissem por uma só vez com 1 escudo,

A Batalha poderia modificar as suas instalações e melhorar o seu aspecto gráfico. Com a mesma franqueza e sinceridade com que nestas colunas temos falado aos nossos leitores em situações críticas, lhe dizemos agora:

Bastaria para isso que amanhã, sábado, todos os seus leitores lhe enviassem a quantia de 1 escudo. Se hoje em todas as casas, oficinas, fabricas, navios, minas, aldeias, vilas e cidades onde a «Batalha» leva a sua revolta contra as iniquidades e realiza a sua obra de emancipação se abrissem subscrições, em breves dias «A Batalha» teria o tipo novo necessário.

Leitores e amigos da Batalha concorrei com 1 escudo e fazei com que todos concorram com a mesma quantia, a fim de que o jornal que defende os oprimidos, possa realizar a sua obra libertadora.

Contribuir com 1 escudo para a «Batalha» equivale a cimentar a nossa esperança em dias melhores!

EM REDOR DUMA HERANÇA

Do erro do suborno, da negligência ao delito e da boa-fé à cumplicidade, vai uma enorme distância

Quanto mais se manuseia este notabilíssimo inventário, mais se percebe a importância de cima, acontecendo-lhe o mesmo que ao decantado ramo da Sibila de Enecas, que, quanto mais nele cortavam, mais ele renascia formoso e lindo!

A frase é do Padre António Vieira. A mim só pertence a oportunidade de a reproduzir.

Eu sei bem que não deixo o assunto completamente engatado e que o meu querido amigo dr. Gonçalo Casimiro, na conferência que vai realizar, no Centro Radical, desenvolverá novos e fantásticos horizontes, donde a proteção, a rapina, o atropelo e a cumplicidade jorram em torrentes jamais iguais.

Diz o testador, a fls. 15 do seu testamento: «Deixo mais a minha mulher, e a sua escolha, o que lhe agradar do recheio da casa que habitamos, pedindo-lhe, porém, que o que for considerado obra de Arte, o ceda, em meu nome, ao Museu das Janelas Verdes, a quem faço o legado que abaixo se verá».

Esta cláusula não chegou a cumprir-se, pois a isso obsteo o *Decreto Burial*, assinado pelo dr. sr. João Camoegas e seus companheiros.

Tudo foi entregue ao famoso Instituto. Tudo!... e, segundo informações oriundas de via procedência e que até receio confiar ao público, para me não arredar da linha de conduta que me impuz, o *Instituto Rocha Cabral* não é hoje capaz de apresentar todas as peças do recheio que lhe foram entregues. Apósto!

A avaliar o colosso da herança a que ontem me referi, há o seguinte: A fls. 23 do inventário, junta-se uma escritura pública, lavrada pelo tabelião Evaristo Vale de Barros, na cidade do Rio de Janeiro. Esse contrato, arte-nuncial, diz, a fls. 2—«o seu encasamento será regido não pelo sistema da comunhão, mas com inteira separação de bens. Isto quer dizer o seguinte: «Os bens que ontem menciono não incluem meação da consorte viva». Isso é muito conveniente dizer-se, pois os leitores de *A Batalha*, não sabendo coisas de direito, facilmente se deixarão intrujar pelos propagandistas mal intencionados da burguesia.

E há mais o seguinte: Rocha Cabral fez dois testamentos: um, no Brasil, e outro, em Portugal. A relação que ontem dei ao público, apenas diz respeito aos bens existentes em Portugal. No Brasil está dependendo outro inventário.

E, como o testador, no acto da disposição da sua última vontade, diz que deixa os remanescentes da sua colossal fortuna, para a fundação do Instituto, calcule-se e deslumbramento e apetites criminosos que tal repasto não haviam de causar!

Essa fortuna, também, em virtude do que dispõe o Art.º 1853 do Cod. Civ., é hereditária dos legados que, por morte do testador, se lhe atribuem.

abuso, e que, impressionados vivamente com a devassa atrevida, agravados ainda com um génio esquentadíssimo, não possuímos, cometiemo: uma asneira...

«Quem era mais criminoso? Nós, porventura, porque aquilo não era uma violência, mas uma «ambigüidade gloriadora» a que não podemos resistir...»

E já que falamos em violência, cumprime-nos dizer que, depois do chefe Alberto perguntar ao Castela se tem sido maltratado, este respondeu:

«A prisão é sempre má, mas confesso que, entre a polícia de Gaia e a de Lisboa há grande diferença...»

ou renúncia dos contemplados, não foram recebidos. E de facto, sucede que nem todos receberam. Ora isto, sem quaisquer exageros de linguagem, é o que pode chamar-se uma coisa formidável.

Após as afirmações que produzi e julgo de impossível contestação, resta-me dizer, agora, num rasgo de sinceridade e boa-fé, quais as conclusões a que me foi dado chegar. E o que passo a fazer.

a) Julgo-se o dr. sr. João Camoegas vítima duma campanha de difamação, atribuindo-me, até, a classificação de caluniador.

b) Afirmei o dr. sr. João Camoegas que eu procurara um jornalista para fazer uma campanha contra si.

c) Reptou-me o dr. sr. João Camoegas a assistir a uma conferência em que aceitava a minha contradição.

d) Há, realmente, criminosos? Este é um momento solene. A opinião pública está com os olhos em nós. Falo, sem coacções, nem ódios, nem sugestões, nem receios.

Tive, conhecimento, por leitura do semanário republicano, o *Libertador*, dos factos que, nestas colunas, venho expondo.

Essa campanha, que teve lugar há perto de três meses, acimava de bandidos para cima e de ladrões para baixo, todos os que intervieram neste fenómeno, e não foi contestada senão pelo dr. sr. Canceleda de Abreu, no *Correio da Manhã*, que a poz em termos pouco abonatórios para os sinatários do *Decreto Burial*.

Além disso, na Boa-Hora, eram gerais os clamores. Do processo, na altura em que o dr. sr. João Camoegas me reptou, era tudo quanto eu sabia. O dr. sr. João Camoegas não é capaz de provar-me que eu fiz qualquer referência especial. Contava o caso. E, perante o decreto, dizia os nomes. Quem afirmou o contrário disso, mentiu. Além de me falhar a prova para o acusar da maneira que naturalmente lhe foram dadas, eu não tenho senão motivos para olhar com muita simpatia, o jovem político. Se algum miserável intrigante lhe foi afirmar o contrário, repito, tragão a minha presença.

A prova mais indubitável de que eu não procurei nenhum jornalista para fazer qualquer campanha contra a pessoa do dr. sr. Camoegas resulta da notícia publicada no *diário O Estado*, de 4 do corrente, numa local de que é autor o sr. Amadeu de Freitas. Com ele deuse exactamente o que aconteceu com outros indivíduos mais. Exmza as ilegalidades e o crime desse inventário fenomenal e, perante o *Decreto Burial*, disse os nomes. De resto o sr. Amadeu de Freitas conta o caso exactamente como se passou. Não falei, especialmente do dr. sr. João Camoegas, mas de todos em globo.

Não assisti à conferência para que fui reptado, não só pelos motivos já expostos, mas sim por que me julgo muito pobre n'ho de talentos oratórios, não sei se por deficiência de tirocinio ou por excesso de decore. E, já agora, uma opinião: «se todos os homens públicos, e todos os estadistas da estatura do dr. João Camoegas seguissem o seu caminho, não havia mãos a medir em palavreado. Deve, sempre, subtrair-me a distância que vai dum estadista a um pintalho. Além disso foi um excesso de defeza. Na convicção de que se tratava dum caso pessoal, a coisa, quanto a mim, deveria ter sido solucionada por outra maneira. Para males dessa casta não há outra receita que não seja a via de facto. Eu sou um adversário leal.

Depois dos trabalhos de dissecação a que submeto o famoso inventário Rocha Cabral, esventando-lhe as saburras e exibindo-lhe a lepra, não poderei tirar conclusões diferentes daquelas que o público já tirou.

A herança era talada de mais, para que os engenhos ficassem parados. O deslumbramento havia de ser muito grande. E como os fundos também eram em abundância, tudo se conseguiu.

Quem poderá, aí, no entanto, formular um mau raciocínio acerca do dr. João Camoegas.

Do erro ao suborno, da negligência ao delito, e da boa-fé à cumplicidade, vai uma enorme distância.

Ignorava o dr. João Camoegas a origem do Decreto, e a assinatura deveria ser fácil extorquir-lhe, fascinando-o com os mais fantásticos sucessos de ordem política e moral que daí poderiam advir-lhe? O dr. sr. João Camoegas estava longe de suspeitar das ciladas que se abriam para ele e desconhecia os interesses mascarados pelos astuciosos amigos e pelas solicitações de olhos em alto?

Se estas lições não saíssem tão caras ao país, era caso para nos felicitarmos; pois delas muito lucro tirará o fogoso «rador de que a república não espera. Na carta publicada no *Batalha* em que eu respondi ao desafio do dr. João Camoegas, há uma lacunação que deve rectificar, devida à precipitação em responder ao desafio publicado no *Libertador* e às informações inexactas do *Manhã*. A diferença entre 5.000 contos e 58.000 contos representa simplesmente o valor que se atribui, aproximadamente, ao montante da herança em Portugal.

Nisto, se resumem as conclusões que me propocho encerrar este debate, deixando o resto aos Tribunais Criminaes do meu país.

Teatro Nacional
Hoje - às 21,15 horas - Hoje
OS DOIS GAROTOS
TODAS AS NOITES

Vida Sindical

C. G. T.
Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem este Secretariado esteve no gabinete do ministro do Interior e ajuizou-se, com o secretário do referido ministério e com o sr. João Madeira, director da P. S. E., a quem expoz o fim que ali o levava e era o tratar da situação dos presos que se encontram na Trafaria e nos calabouços do Governo Civil, tendo-nos sido dito por aquelas entidades que ao ministro uma das coisas que o interessava era a situação dos presos para pôr termo a este assunto.

Tratou-se também com o mesmo secretário, em consequência do ministro não encontrar, do momento caso de Silva.

Dirigiu-se em seguida este Secretariado para o ministério da Justiça, a fim de se ajuizar com o respectivo ministro, falo também com o secretário, por não se encontrar o referido ministro, esclarecendo a comissão o fim a que ali o levava, que era tratar da situação dos presos que se encontram na Trafaria e nos calabouços do Governo Civil, tendo-nos sido dito por aquelas entidades que ao ministro uma das coisas que o interessava era a situação dos presos para pôr termo a este assunto.

Sobre a infância penetrada pelo comandante da guarda em Silva, vai este Secretariado efectuar umas demarchas a fim de se esclarecer este monstruoso acontecimento.

Também este Secretariado recebeu um ofício duranado da Associação dos Bombeiros de Lisboa, expoundo um caso muito lamentável por parte de um elemento da mesma classe.

U. S. O.
Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados.

COMUNICAÇÕES
Federação da Construção Civil.—Reúne na quarta-feira a comissão administrativa, sendo lidas credenciais de alguns sindicatos acreditados como seus delegados indirectos ao futuro Conselho Federal vários militantes da indústria. Foram apreciados os officios de alguns sindicatos que, pelo seu conteúdo, ficou resolvido baixarem à próxima reunião do Conselho Federal, que deve realizar-se na terça-feira 15 do corrente.

CONVOCAÇÕES
Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Sul.—Para assunto urgente e inadiável reúne hoje esta Junta com a presença de todos os componentes.

S. U. da Construção Civil.—Seção Profissional de Estudantes.—Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para tratar do aumento de salário.

Seção Profissional dos Pedreiros.—A Comissão Administrativa, reunida extraordinariamente, tratou de vários assuntos de interesse para a classe e resolveu que a assembleia geral convocada para hoje, reúna na próxima terça-feira, às 21 horas.

S. U. Mobiliário.—Comissão Administrativa.—A fim de se proceder à descrita das respectivas cobranças devidas-se os cobradores a comparecer hoje, na sede, pelas 21 horas.

Comitê da Sede.—Para um assunto de fácil resolução, reúne hoje, pelas 19 horas, com a presença de todos os componentes.

Manufactores de Artigos de Viagem.—Para um assunto importante, reúne hoje, pelas 21 horas, esta especialidade, devendo comparecer todos os componentes na sua máxima força.

Comissão de Melhoramentos.—Reúne hoje, pelas 21 horas, com a presença de todos os componentes.

Fragateiros.—Para se ocupar de assuntos que muito interessam a classe reúne hoje, às 20 horas, a assembleia geral.

EDEN
Telefone Norte 3800
Hoje às 9 3/4 (21,45) da noite
Ante penultima representação—Despedida irrevogável da popularíssima revista

Lua Nova
Com todas as novidades, surpresas e atracções. Preços populares.
Na próxima semana: Primeira representação da revista

AGUAS PASSADAS.... Revista original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos.

Continuam as perseguições a operários
Proseguem as autoridades nas suas perseguições a operários, na ânsia de justificar a sua razão de existência. Ontem, pela 1 hora da madrugada, a polícia, foi a casa do operário Fausto Teixeira, mecânico em madeira do ramo de tanoaria, morador na rua do Açúcar (prédio Santos Lima, 42) ao Poço do Bispo, e prendeu-o, não se sabendo para onde foi conduzido.

Assaltar a residência dum cidadão à 1 hora da madrugada é bem próprio de um regime democrático. A constituição é um papel que tem sido esfrangalhado por todos aqueles que obrigam os outros a cumprir a lei.

A liberdade desta república democrática existe só para os reacconários. Os trabalhadores, aqueles que tem ideias livres, são perseguidos como feras.

Também o operário Manuel Soares, pintor da construção civil, quando ontem passava na rua de Arroios, foi preso, encontrando-se no governo civil.

Penafiel—J. Sousa.—Recebemos a que de que fala será publicada na devota altura.

Alenquer—J. L. Cordeiro.—Seguem hoje os livros perdidos.

Coliseu dos Recreios
HOJE — às 21,45 (9 3/4) — HOJE
10.ª sessão do grande torneio de luta —
4 emocionantes combates 4

Manoel Gonçalves, português, contra Van Dem. holandês, Stoll, alemão, contra Constant Marin, belga, Raoul Saint Mars, belga, contra Bastarrica espanhol, Leskimwitsch, russo, contra, Terrassier, belga

Novos fados, canções e bailes—Muitos números de música e jonglage
PREÇOS POPULARES
Fauteuil 6\$00 Geral 2\$50

A revolta no Brasil
Um bombardeamento que durou 20 horas

NEW YORK, 10.—O movimento de São Paulo parece considerar-se completamente julgado, segundo a comunicação ultimamente recebida.

O apoio da opinião pública
BUENOS AIRES, 10.—A revolta militar de São Paulo é apoiada pela opinião pública do Estado, tendo-se dado novos combates entre as tropas federais e os revoltosos. As milícias mobilizadas nos diferentes Estados estão prestes a marchar à primeira voz para exercer a sua acção sob as ordens do governo federal.

Continua o bombardeamento em São Paulo
NEW YORK, 10.—Dizem do Rio de Janeiro que a revolta de São Paulo não está ainda completamente dominada. As tropas federais estão bombardeando um quartel em que se refugiaram os rebeldes, que ripostam vigorosamente ao fogo que contra eles é feito.

A amnistia em Espanha
Já chegaram a Madrid Unamuno e Soriano

MADRID, 10.—Em virtude de terem beneficiado da última amnistia dada pelo soberano voltaram do desterro das Ilhas Canárias, o professor da Universidade de Salamanca D. Miguel e Unamuno e o sr. Rodriguez Soriano.

Em Marrocos
A situação continua má para os espanhóis

LONDRES, 10.—Comunicam de Tanger que continuam rios combates no Vale de Lau entre os marroquinos e as tropas espanholas, as quais apesar de terem feito alguns progressos e obtido vantagens, não puderam ainda atingir as posições altas que predominam a região.

EM FRANÇA
Uma sessão agitada na Câmara dos Deputados

PARIS, 10.—A sessão da câmara ontem à noite assumiu um aspecto de discussão terminando por se envolverem em luta física 20 deputados. A sessão foi suspensa sem se ter chegado a qualquer resultado positivo sobre o projecto de amnistia que era discutido.

A bandeira da Comunidade de Paris
PARIS, 10.—Os delegados do partido comunista francês enviaram no dia do aniversário da constituição da União das Repúblicas Soviéticas ao presidente do soviet de Moscú a bandeira da comunidade arvorada em 1871 na Câmara Municipal de Paris.

Os ferroviários ingleses
querem que os caminhos de ferro sejam propriedade do povo

LONDRES, 27.—Vai realizar-se a reunião plena dos ferroviários ingleses em New-Castle. Numa reunião particular, sob a presidência do sr. James Marchbanks, os ferroviários afirmaram que só se declarariam satisfeitos quando todos os caminhos de ferro se tornassem propriedade do povo.

Os que morrem
Jorge Domingues

Faleceu ontem de manhã, Jorge Domingues, filho do nosso camarada de redacção Mário Domingues. Todos os que nesta casa trabalhavam lamentam o infante acontecimento que feriu os seus sentimentos afectivos.

Inácia da Conceição Monteiro
Na sua residência, pátio do Inglês, 16, loja (a Chela), faleceu ontem de bonodosa eratura, companheira do nosso amigo José Monteiro, ex-operário da Companhia dos Tabacos e um dos dos militantes da última greve da respectiva classe.

A estufa, que era dotada de um excelente carácter e de bons sentimentos, succumbiu aos estragos de uma pneumonia.

O seu funeral realiza-se hoje, sábado da morada acima indicada, pelas 15 horas, para o Cemitério do Alto de São João.

Violências & Arbitrariedades

Uma sessão de protesto em São Tiago de Cacem

S. TIAGO DE CACEM, 8.—Com o fim de apreciar os últimos crimes e desmandos da burguesia, reuniram ontem em sessão conjunta os operários corticeiros e manufactores de calçado, únicas classes que actualmente se encontram organizadas nesta localidade.

Pelas 23 horas abre a sessão J. F. da Silva, que indica para presidente Nogueira, dos manufactores, o qual é secretariado por J. L. Pereira, representante deste jornal, e por J. Matias, dos corticeiros.

Nogueira, lamenta que o operariado local ainda esteja cado de preconceitos, não accudindo dum forma geral ao chamamento da organização, não tendo o seu órgão na imprensa, etc., no entanto regista-se por saber que o limitado número que se encontra presente é consciente e animado de boa vontade. Combate a taberna e diz que uma boa parcela do que a maioria do operariado gasta em vinho e mais coisas prejudiciais, era melhor que a empregassem na assinatura de *A Batalha*, com o que tudo teriam a lucrar. Refere-se minuciosamente aos crimes dos Olivais e Silva, elucidando dum forma clara e precisa a assembleia.

J. L. Pereira indica os presentes a que façam a máxima propaganda da organização e da imprensa operária, a fim de se romper de vez com o imbecilismo e indiferentismo que traz inerte a maioria do operariado local. Ataca os desmandos da república burguesa, citando entre outros, o recente caso dos 180.000 contos em prata, que foram barra fora, com destino a Inglaterra.

Diz que o povo português constitui um corpo moribundo que está sendo devorado pelos corvos sinistros da moagem, da finança e da politica. Entretanto é sua convicção que num futuro próximo ele saberá libertar-se da opressão e do roubo, implantando da terra portuguesa uma nova ordem de coisas: a Sociedade do Trabalho, só a qual libertará o socorro e o bem estar tão necessários e desejados. Alude ao momento internacional, esclarecendo que os partidos da esquerda vão ganhando terreno dia a dia nos diferentes países, o que é um sintoma consolador e demonstrativo da próxima queda do capitalismo mundial.

Germano Augusto pede a palavra para dizer que lamenta que as classes operárias não estejam mais largamente representadas.

Volta a falar o camarada Nogueira que faz importantes considerações, seguindo-se-lhe Ernani, que faz um ataque certo à passividade do operariado local em questões de ordem moral, pois que, em se tratando de aumento de salário, já se sabem impor e acorrecer às reuniões. Para ele, orador, as questões morais ainda lhe merecem mais atenções e carinho. Fala da tragédia ocorrida de Silva e alvita que se

JOVENTUDES SINDICALISTAS
Federação.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o comité federal, devendo comparecer todos os seus membros.

Núcleo de Lisboa.—Seção mista de Belém.—Reúne amanhã, às 21 horas a comissão executiva, conjuntamente todos os militantes da secção, para se apreciar uma circular dimanada do núcleo e tratar-se de assuntos inadiáveis que se prendem com a vida da secção.

Pede-se também a comparença dos camaradas que conservam quetes em seu poder.

Núcleo do Porto.—A comissão de propaganda, na sua última reunião, resolveu realizar no próximo domingo um passeio de propaganda a Milheirós e Ponte da Pedra.

Resolveu também, para facilitar a ida de muitos camaradas, criar na primeira localidade uma cosinha que forneça refeições a todas aquelas que se desejem.

A partida é da Praça da República, às 8 horas da manhã.

Os festejos populares da Ajuda
Para os protogénios de *A Batalha* receberam da comissão organizadora dos festejos realizados em Junho p.p. na Travessa da Boa-Hora, a Ajuda, a quantia de 30\$00, o que agradecemos.

Comunica-nos a mesma comissão ter enviado a cada um dos jornais *O Século*, *Diário de Notícias* e *Os Reticulos*, 25\$000, e ao Asilo de Cegos Felício de Castilho, 10\$000, tendo ainda distribuído 75\$000 pelos pobres da freguesia da Ajuda.

Bibliotecas ao ar livre

A Universidade Livre, tendo obtido um êxito extraordinário com a instalação das bibliotecas ao ar livre nos jardins da Estrada de São Pedro de Alcantara, cuja frequência em 983 dias atingiu um total de 20.399 leitores, projecta inaugurar no ar livre no jardim da Santa Clara. Não possuindo, ainda, todos os livros necessários a esta biblioteca, dirigiu uma circular a todos os leitores do continente, pedindo edições de principais autores portugueses.

E' de crer que o apelo seja atendido, visto tratar-se dum obra educativa de grande alcance.

Sindicato dos manipuladores de pão
Nota officiosa

A Comissão Administrativa, levantando o seu protesto contra uma localmente verdadeira publicada em *O Século*, pôde de sobrevivo todos os calceiros de padaria fazendo-lhes a afirmação perentória de que nenhum deles é lesado nos seus interesses individuais por este sindicato, que, como lhe cumpre, não descarta a defeza dos interesses colectivos da classe.

Noticias como a que o citado jornal publicou, apenas são úteis aos industriais de panificação, visto que procuram desunir a classe para destruírem a sua organização sindical e melhor poderem escravizá-la.

Dentro do sindicato é o lugar dos camaradas creixeiros, porque é nele encontraram a verdadeira solidariedade.

CRÔNICA DO PORTO

A Patronal mexe...

Pretende-se impor ao operariado um cadastramento deprimente e caviloso

PORTO, 9.—O governo desta república, senão abandonada, na ánsia de usurpar os últimos, 5 réis ao operariado e na febre epidémica de enovelar, estabeleceu a odiada cédula pessoal.

Dos protestos gerais que essa goliarda moral levantou, não vale a pena agora falar, bastando apenas dizer que a própria classe comercial a condenou, atendendo ao seu absurdo, destrambelhado e estúpido regulamento.

Mis agora um outro poder mais alto se levanta e é esta toda a nossa questão para a qual chamamos toda a atenção do operariado, não só o portuense, mas de todo o país.

A fúria da Confederação Patronal não dorme, não descansa um momento sequer, trabalha afanosamente nos trágicos meandros da malandragem premeditada.

Ela quer ser um Estado dentro do Estado, senão exceder o mesmo. Ela pretende possuir e impor às classes trabalhadoras uma legislação sua, uns códigos seus, com os quais possa eliminar os elementos operários mais inteligentes e reduzir o proletariado menos precavido e mais ingenuo a mais baixa, repugnante escravidão.

A Confederação Patronal, outro terível ondo se congregam as mais variadas e miseráveis perseguições aos que trabalham, não acha totalmente suficiente para os seus desígnios jesuítas a cédula pessoal imposta pelos poderes constituidos.

Julgando-se também poder constituir a nação, lembrou-se de decretar um cadastro obrigatório do pessoal das fábricas, oficinas, ateliês, etc.

Assim, e por indicação natural da referida Confederação, o gerente da Fábrica Portugal e Colónias (Companhia Nacional de Alimentação), impoz ao pessoal das diferentes secções o abominável cadastro, consistindo de um formulário, com o qual se devia declarar o nome, filiação, idade, estado civil, impressões digitais e fotografia tirada de frente e de perfil, esquerdo e direito.

Assim não nos espanta que amanhã, indo de humilhação e de escárnio em escárnio, nos exijam uma fotografia tirada em completo estado de Adão no Paraíso, de frente e de costas, na situação de quem está a aliviar-se num sítio escuro ou na situação íntima de quem cumpre o estatuto na bíblia, multiplicando a espécie.

Não nos admiraríamos mesmo se se chegassem ao escárnio de se querer rubricar em *Le Signalement* a configuração e o peso dos órgãos genitais.

Com que fim o gerente daquele zangão fabril e moçoieiro, ou por outra a Confederação Patronal quer premiar uma semelhante e indigna exigência? Não é preciso ser-se muito rico em inteligência, para se encontrar resposta necessária.

Nos sabemos muito por onde o gato patronal vai às pilhas da insolência e dos insólitos perversos de dominação e territorialidade que tenta pôr em prática.

Isto obedece a um plano e a uma circular aqui distribuídos a todos os patrões comerciais e industriais, plano e circular que há meses denunciámos neste jornal ao mesmo tempo que a *Comuna*, semanário libertário desta cidade, o fez.

O fim (riamente calculado) é conhecer bem os operários conscientes, seleccionando-os do rebanho inconsciente, desconhecendo das torpes manobras dos que lhe exploram o seu abatido, pobre estado psíquico ao mesmo tempo que lhe rouba todo o esforço produtivo.

A este respeito é muito explícito o ofício da Associação de Classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas, que levantou o alarme no U. S. O. local.

Reputamos este facto gravíssimo para a organização operária, não só pelo que ele tem de ignominioso, mas também de perigoso no caso de desemprego, muito especialmente se se tratar de um operário consciente, o qual, despedido pelo mais penoso motivo de rebeldia ou até só por ter jornais operários ou fazer a cobrança na fábrica em que trabalha, se vê obrigado a procurar trabalho noutra parte, o que nunca conseguirá, se for por diante da tal imposição do patronato. Somos mesmo a dizer que consideramos ainda mais grave que a própria ignominiosa cédula pessoal, a própria imposta pelo governo.

Compreenderam as classes trabalhadoras? Ora segundo o mesmo documento, parece que as secções de moagem e panificação da aludida fábrica aceitaram, quanto a nós vergonhosamente se assim, foi em parte tão provocante imposição—devido ao que o gerente ficou perplexo quando a secção de Bolachas e Biscoitos—com bastante nobreza repudiou tal imposição, estando dispostos (os operários) a não aceitá-la.

Só quem não tiver dignidade, senso comum, sentimentos, é que se sujeitará a um tal vilipêndio.

Mas o mal, a não ser que a profilaxia da acção operária se faça sentir, tende a agravar-se. É assim que nós vemos a estúpida experiência cadavérica repetir-se na célebre fábrica Salgueiros—essa mesma fábrica onde desalmadamente se explora o pessoal, sem distinção de sexos nem idades, essa mesma fábrica que lucra tão escandalosamente se vê na necessidade, para não ferir a indignação pública, de encobrir a realidade das coisas.

De positivo, não sabemos ainda se em Salgueiros a imposição vingou. Mas vamos curar de sobra.

Mis uma vez, pois, pomos em foco os insólitos da Confederação Patronal, denunciando publicamente, e com o auxílio da Associação dos Confeiteiros, aquelas duas experiências.

E' indispensável que a agitação operária dentro e fora das fábricas, oficinas e ateliês seja maior, mais eficaz, mais directa, mais funda do que aquela que permitiu a vigoração da cédula pessoal.

E a organização sindical compete levantar a lúva, esforçando-se denodadamente para que a revolta dos espíritos e das consciências se torne o mais efectiva possível.

C. V. S.

P. S.—Depois de escritas estas considerações, acabamos de ser informados de que o pessoal das referidas secções de bolachas e biscoitos da Fábrica Portugal e Colónias acaba de ser brutalmente despedido, por aliviar-se nesse lugar a submeter-se ao aviltante cadastro.

Em virtude disso, resolveu entregar o assunto ao seu sindicato, o qual, por sua vez, vai convocar, para amanhã, uma reunião magna da classe geral. Irá também ser distribuído em público um manifesto, dando conta desta incontestável patifaria e das intenções da C. Patronal.

VIDA POLITICA

Comuna 7 de Novembro de 1917.—Retinha a comissão administrativa para tratar de assuntos de administração e partidária, deliberando comunicar que toda a correspondência deve ser dirigida a sede, Rua do Vale de Santo António, 283, 1.º, encontrando-se aberta 5 terças e sextas-feiras, das 21 às 23 horas.

Partido Radical.—Para trocar impressões acerca da organização partidária e dos assuntos a tratar no próximo dia 14, realizam-se em Lisboa no próximo dia 14, reunião h. j. pelas 21 horas, no Centro Radical 19 de Outubro, o directório, a comissão distrital e a comissão municipal de Lisboa, do mesmo partido.

Federação Comunal de Lisboa.—Realiza-se hoje pelas 21 horas, a reunião das comissões administrativas das Comunas de Lisboa, a que não devem faltar, a fim de se tomar conhecimento da marcha do partido e seus organismos.

A cura das doenças pelas plantas.—3.ª edição—Preço, 2000; pelo correio, 2500—Pedidos à administração da A BATALHA.

TEATROS & CINEMAS

Salão Foz

Os números de variedades

Adeptamente andou a empresa do Salão Foz, completando os seus espectáculos cinematográficos com um acto de variedades, para desmover os fútils, que tornam fatidosa uma noite apressada e isoladamente.

E' uma tentativa que oxalá frutifique, porque é um pretexto para exibir números variados em que a música de complet, a dança, e tudo o que constitui a diversão de cabaret, constitui um aperitivo para muita gente que entende bem que o animatógrafo, aparte a sua amável e curiosa para galanteios amáveis, não pode entreter sem enfiar, duas ou três horas, principalmente nesta quadra do ano.

Esta dúzia de números de variedades que o Foz nos oferece, permite, assim, uma distração que segura o espectador até ao fim da função, sendo alguns deles interessantes, como o da cancionista Carmen Diadema e da ton-dillera Rosário Dias. O actor-cantor Silva-Sanches e a actriz-cantora Mari-Laura são também bons elementos, sob o salmado do primeiro no fox-trot da *Monterla* e a segunda na canção portuguesa que executou com sentimento e frescura.

Os cenários sem ser brilhantes, são de certo gosto, merecendo o nome de que serve para o número de *Pierrot e Columba* que tem originalidade.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas

Amanhã realiza-se em São Carlos a festa artística do actor Seixas Pereira, com a representação da peça *A Rainha*, em despedida ierogável. Ninguém, de bom gosto, deixará de ir, um vez mais, admirar Lucília Simões, n'essa sua prodigiosa criação.

Noticias

Os quadros e números de maior selecção das revistas de Ernesto Rodrigues, Felix Fernandes e João Bastos, vão reaparecer, no Eden, na «prémia» de *Agua salgada*.

For seleccionada satisfatória e amavelmente a suposta desinteligência suscitada entre o empresário Luis Ruas e o sr. Vasco de Moura Borges, continuando o primeiro na posse do teatro Apolo, de que este é proprietário.

Sobe amanhã à scena no Trindade em primeira representação neste teatro da peça hespanhola *A Ventoinha*, do repertório de Bert Bivar e Alves da Cunha, tradução de Lino Ferreira.

Vai abrir no dia 19 do corrente o teatro Apolo para uma exploração dirigida pelos actores João Silva e Jorge Grave, iniciando os espectáculos com a peça 4 actos do falecido escritor Ernesto da Silva, *O Capital*, cujos ensaios estão já sendo dirigidos pelo actor António Gomes, seguindo-se a esta peça.

SEÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Braga. — Manipuladores de Pão. — Managem dizer se recebem um vale de correio e um ofício deste Secretariado.

Silves. — Corticeiros. — Este Secretariado está efectuando trabalho no sentido de esclarecer sobre assuntos de ai.

MOBILIARIA

Delegação Federal. — Porto. — Recebemos officio, vamos responder.

S. U. do Porto. — Segue expediente. Respondam se receberam.

Sindicato da Coviã. — Segue officio e expediente. Mandem dizer se foi entregue.

EMPREGADOS NO COMERCIO

João Vieira Alves. — Coimbra. — Ainda não recebemos recibo.

Sindicato de Santarém. — Quando nomiam o delegado ao Conselho?

Junta do Norte. — Confirmamos nosso officio n.º 216 e respondemos amanhã ao vosso n.º 153.

Sindicato de Oitão. — Respondemos amanhã ao vosso officio n.º 106.

Salão Foz

Os números de variedades

Adeptamente andou a empresa do Salão Foz, completando os seus espectáculos cinematográficos com um acto de variedades, para desmover os fútils, que tornam fatidosa uma noite apressada e isoladamente.

E' uma tentativa que oxalá frutifique, porque é um pretexto para exibir números variados em que a música de complet, a dança, e tudo o que constitui a diversão de cabaret, constitui um aperitivo para muita gente que entende bem que o animatógrafo, aparte a sua amável e curiosa para galanteios amáveis, não pode entreter sem enfiar, duas ou três horas, principalmente nesta quadra do ano.

Esta dúzia de números de variedades que o Foz nos oferece, permite, assim, uma distração que segura o espectador até ao fim da função, sendo alguns deles interessantes, como o da cancionista Carmen Diadema e da ton-dillera Rosário Dias. O actor-cantor Silva-Sanches e a actriz-cantora Mari-Laura são também bons elementos, sob o salmado do primeiro no fox-trot da *Monterla* e a segunda na canção portuguesa que executou com sentimento e frescura.

Os cenários sem ser brilhantes, são de certo gosto, merecendo o nome de que serve para o número de *Pierrot e Columba* que tem originalidade.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas

Amanhã realiza-se em São Carlos a festa artística do actor Seixas Pereira, com a representação da peça *A Rainha*, em despedida ierogável. Ninguém, de bom gosto, deixará de ir, um vez mais, admirar Lucília Simões, n'essa sua prodigiosa criação.

Noticias

Os quadros e números de maior selecção das revistas de Ernesto Rodrigues, Felix Fernandes e João Bastos, vão reaparecer, no Eden, na «prémia» de *Agua salgada*.

For seleccionada satisfatória e amavelmente a suposta desinteligência suscitada entre o empresário Luis Ruas e o sr. Vasco de Moura Borges, continuando o primeiro na posse do teatro Apolo, de que este é proprietário.

Sobe amanhã à scena no Trindade em primeira representação neste teatro da peça hespanhola *A Ventoinha*, do repertório de Bert Bivar e Alves da Cunha, tradução de Lino Ferreira.

Vai abrir no dia 19 do corrente o teatro Apolo para uma exploração dirigida pelos actores João Silva e Jorge Grave, iniciando os espectáculos com a peça 4 actos do falecido escritor Ernesto da Silva, *O Capital*, cujos ensaios estão já sendo dirigidos pelo actor António Gomes, seguindo-se a esta peça.

SEÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Braga. — Manipuladores de Pão. — Managem dizer se recebem um vale de correio e um ofício deste Secretariado.

Silves. — Corticeiros. — Este Secretariado está efectuando trabalho no sentido de esclarecer sobre assuntos de ai.

MOBILIARIA

Delegação Federal. — Porto. — Recebemos officio, vamos responder.

S. U. do Porto. — Segue expediente. Respondam se receberam.

Sindicato da Coviã. — Segue officio e expediente. Mandem dizer se foi entregue.

EMPREGADOS NO COMERCIO

João Vieira Alves. — Coimbra. — Ainda não recebemos recibo.

Sindicato de Santarém. — Quando nomiam o delegado ao Conselho?

Junta do Norte. — Confirmamos nosso officio n.º 216 e respondemos amanhã ao vosso n.º 153.

Sindicato de Oitão. — Respondemos amanhã ao vosso officio n.º 106.

Lisboa na rua

Tentativa de suicidio

Na enfermaria C. 2. C. D., do hospital de Santa Marta, deu entrada Alzira de Carvalho, de 17 anos, natural de Gondra do Douro e residente na rua Latino Coelho, 71, 6.ª, que tentou suicidarse.

Quedas desastrosas

No banco do hospital de São José recebeu curativo Angelo Rosa Carneiro, residente em Aldegalaga, que na tarde de 7 de Junho, deu uma queda fazendo um grande ferimento na cabeça.

Na enfermaria de Santa J. Ana, do mesmo hospital deu entrada Maria Inês Martins, de 74 anos, residente na rua da Cruz, 15, 1.ª, a Alcantara, que caiu pela escada da residência, fracturando o braço direito.

Na enfermaria de Santo António deu entrada Acácio Duarte Costa, de 14 anos, residente na rua Monte Oliveiro, 27, 1.ª, que na Praça das Flores, deu uma queda ficando com a perna esquerda fracturada.

Agressão

Recebeu curativo no banco do hospital de São José, João da Silva Siqueira, residente nos Mafarros, coelho de Loulé, que ali foi agredido com um tiro de pistola que o feriu no lado esquerdo do peito.

Mário Rodrigues da Gama

AGRADECIMENTO

Sua família agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhar-lo na última morada, cujo funeral teve lugar em 8 de Junho no cemitério oriental.

CARTAZ

S. CARLOS—A's 2, 30—«A Verdade».

S. LUIS—A's 2, 30—«Vida Nova».

NACIONAL—A's 21—«Os dois garotos».

TRINDADE—A's 21—«As Duas Causas».

AVENIDA—A's 21, 30—«O Insólito».

EDEN—A's 21, 30—«A Vida Nova».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21, 30—«Grande torção de luto».

CINCO DE VARIEDADES (Feira do Parque Eduardo VII)—A's 21, 30—«Companhia Cardinale».

GIL VICENTE—A's 21—«Dois Sargentos».

OLIMPIA—A's 21, 30—«Animatografo».

SALAO FOZ—A's 11, 30—«2, 30».

CHALADO TERRASSE—A's 14, 30—«2, 30».

Animatografo.

CONDOS (Avenida)—Animatografo.

CESTRAL (Avenida)—Animatografo.

GINEPARIS (Rua Ferreira Borges)—Animatografo.

IDEAL (Largo)—Animatografo.

CINE ESPERANCA—Animatografo.

ROSSIO (Arco da Rua)—Animatografo.

CHATELIER (Praça dos Restauradores)—Fitas faladas.

AVENIDA PARQUE—Antigo Parque.

Mixtos—Recreios e diversões. Concertos de jazz-bands.

PROMOTORA (Largo do Calvario)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo)—Animatografo.

Interesses de classe

Aos operários do município

Camaradas: Mais uma vez repositivo me dirijo à vossa consciência impellido pelo facto de constatar a belva atitude que o operariado municipal vem mantendo, parecendo ter reconhecido a necessidade de se unir em volta do só sindicato, o que lhe trará muitas vantagens de carácter moral e económico.

Não se fazia compreender que os operários do município continuassem indiferentes à sua organização, havendo a frisar o facto de sustentarem quadro associações sem que tenham visto, sendo uma apenas confederada.

Os operários que até a data têm andado afastados do seu sindicato, tem por dever sindicarem-se, colaborando assim para a formação do sindicato único do qual colherão os seus frutos como seja a organização de uma biblioteca, escola, etc., cuja falta há muito se faz sentir, pois que é uma classe das mais lértis em analfabetismo para o que a sociedade actual contribui negando-lhes a instrução.

Em contraste verificamos que os operários municipais de todo o país, verdadeiramente desorganizados, não procuram erguer-se, estando por isso auferindo ordenados que conspurcam a dignidade dos que trabalham, continuando alienos a todas as manifestações da luta entre o capital e o trabalho.

Ha anos a esta parte vem-se travando a grande luta em prol de uma nova era de felicidade humana que ponha termo à existência de armas mortíferas com que os homens se degladiam espalhando o ódio sobre a terra. E para que entre nós seja desenvolvida uma tenaz propaganda e posta em prática um plano de defesa contra o patronato, torna-se necessário que em todas as localidades onde haja operários municipais se proceda à formação de sindicatos únicos para que num futuro próximo se efectue um congresso nacional de onde possivelmente sairá a Federação dos Trabalhadores Municipais.

Chegou ao meu conhecimento a constituição de um grupo de propaganda libertária dos operários do município, com cuja constituição plenamente concordo por reconhecer a utilidade que o mesmo nos trará, lembro a todos os camaradas, e em especial os sindicatos do Porto, Coimbra e Setúbal, a conveniência de realizar a máxima propaganda para a constituição dos ditos grupos.

Fica exposto o meu alvitre para que todos os operários conscientes e as direcções dos sindicatos digam algo do que pensam.

Espero ser ouvido com atenção para que algum cousa de proveitosa se consiga.

Carlos COSTA
(Operário do Município)

CALENDÁRIO DE JULHO

D. 6 13 20 27

S. 7 14 21 28

T. 1 8 15 22 29

Q. 2 9 16 23 30

Q. 3 10 17 24 31

S. 4 11 18 25

S. 5 12 19 26

MARÉS DE HOJE

Prisamar às 9,45 e às 10,21

Baixamar às 2,41 e às 3,15

CAMBIO

Países Moedas Ao par Oure

Alcmanha Marcos 225

Austria Coróns 119,1

Bélgica Francos 117,3

Espanha Pesetas 16,6

U. A. A. Francos 20,4

Francia Francos 117,3

Polónia Liras 125,0

Inglaterra Libras 10,5

Italia Liras 117,3

Suécia Francos 117,3

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos Dias

Sierra Nevada, Buloigne, Bremen 11

Beira, para os portos da Africa Oriental 13

Arizans, portos do Brazil e Argentina 16

Geirra, Leixões, Vigo, Cherburgo, Southampton e Amsterdam 18

Darros, portos do Brazil e Argentina 20

Zeeandia, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam 22

Avons, portos do Brazil e Argentina 24

Usunkuma, Southampton, Rotterdam e Hamburgo 26

Punchal, portos do Panchal 28

Em favor de Manuel R. de Oliveira

Realiza-se em Faro uma festa de solidariedade

FARO (atrassado).—Com um programa atrante, vem de realizar-se aqui uma velada social em favor do prestimoso militante juvenil, Manuel Augusto de Oliveira, a braços com uma perniciosa doença.

Não quiz o proletariado desta cidade algarvia ficar indiferente ao apelo da comissão de Lisboa, publicado em *A Batalha*, e assim, afirmando a sua solidariedade ao enfermo, manifestou o desejo de novamente o ver pelear nas lides sindicais.

Para esta festa de solidariedade, que se realizou no U. S. O., muito contribuiu o esforço da comissão organizadora, composta pelos camaradas César de Castro, Alfredo de Oliveira e Armando Ferreira, assim como o valioso concurso de vários cultivadores do calosso nacional.

Iniciou-se a velada com uma palestra feita pelos camaradas Ferreira e Cavaleiro, seguindo-se várias canções sociais por Manuel Maria, António da Clara e António dos Santos, havendo sempre franca animação.

A receita total desta festa foi enviada para Lisboa à comissão de auxilio a fim de a entregar ao enfermo, missão d' que esta já se desempenha.

Uma nota da comissão de auxilio

